

NORBERTO ÁVILA

algun teatro

II

Viagem a Damasco

Do Desencanto à Revolta

Os Deserdados da Pátria

Florânia ou A Perfeita Felicidade

D. João no Jardim das Delícias

Título: Algum Teatro
Vol. II

Autor: Norberto Ávila

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: UED/INCM

Capa: desenho do autor

Revisão do texto: Miguel Antunes Pereira
Branca Vilallonga

Tiragem: 1000 exemplares

Data de impressão: Dezembro de 2009

ISBN: 978-972-27-1659-8

Depósito legal: 294 430/09

NORBERTO ÁVILA

algum teatro

II

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2009

D. JOÃO NO JARDIM DAS DELÍCIAS

(1985)

Tragicomédia escrito em 1986, a peça menos pensada para um elenco português, dado o elevado número de personagens (25); Menção Honrosa do Prémio Nacional de Teatro da Secretaria do Estado da Cultura (1986), publicada que foi no ano seguinte pelas Edições Rolim, a verdade é que logo surgiu um candidato à sua encenação: Carlos Avilez. Foi a consequente montagem do espectáculo pelo Teatro Experimental do Cascais, em 1988.

«D. João no Jardim das Delícias é o Dom João do nosso tempo.»

LURDES CARRANDEIRA

«Este, um dos mais belos textos da nossa literatura dramática contemporânea, interessante, com cenas bem construídas, perfeito domínio da técnica teatral, correcta delimitação das personagens, mesmo quando elas são apenas secundárias [...].»

TITO LIVIO, *A Capital*.

D. JOÃO NO JARDIM DAS DELÍCIAS

Tragicomédia em 2 partes

Personagens:

FILIPPE II, de Espanha (I de Portugal)

D. GONÇALO DE ULLOA, ex-embaixador de Espanha
em Lisboa, depois comendador da Ordem de Calatrava

D. LEONOR, sua filha

MADRE EUGÉNIA DOS ANJOS, irmã de D. Gonçalo
e abadesa do Convento de Calatrava, de Sevilha

DOROTEA, ama de D. Leonor

PAPA GREGÓRIO XIII

D. DIOGO TENÓRIO, embaixador de Espanha em Roma

D. JOÃO TENÓRIO, seu filho

MARINA, jovem criada de D. Diogo

MASCARINO, moço de recados, depois criado de D. João Tenório

GUOMAR, velha ama de D. João Tenório

DR. GIACIANO, erudito siciliano

LUCRÉCIA, sua mulher

FLAMÍNIA, hospedeira

SIMONETA, sua criada

● DOGE DE VENEZA

CASSANDRA, sua «dupla» (digamos: amante)

UM GONDOLIEIRO

D. GALAOR DE AMARANTE

D. MATILDE, sua mulher

D. ISABEL, sua filha

LISUARTE MIRANDA, poeta dramático, director duma companhia
de comediantes

ALCEU, comediante (Tristão)

ANDREIA, comediante, irmã gémea de Alceu (Isolda)

D. GASTAR DE GERONA, velho fidalgo

Nota. — À excepção dos actores que interpretam as personagens principais (D. João, Mascarino, D. Leonor, D. Gonçalo e Madre Eugénia dos Anjos), todos os outros poderão, se necessário, interpretar vários papéis.



A acção decorre no último quartel do século XVI, mais exactamente entre 1581 e 1588, em Lisboa, Sintra, Sevilha, Palermo, Bérgamo, Veneza e Roma.

I PARTE

1

A acção da peça inicia-se em Lisboa, em 1581, meses depois que as tropas do duque de Alba e do marquês de Santa Cruz concretizaram as ambições políticas do soberano espanhol, no que se refere ao trono português. Na sala de audiências do palácio real, Filipe II recebe D. Gonçalo de Ulloa, ex-embaixador de Espanha em Portugal. Assiste ao encontro um secretário do rei.

FILIPE II — Ora, deixai-vos ficar mais algum tempo.

D. GONÇALO — Senhor, arriscando-me a cair no desagrado de Vossa Majestade, eu ousaria manter a minha intenção: a de regressar a Espanha.

FILIPE II — Por Deus! Onde estamos nós, senão nesta outra Espanha que se chama Portugal?! É de estranhar, D. Gonçalo, que não queirais compartilhar comigo a alegria imensa de ver aqui flutuar ao vento a nossa bandeira.

D. GONÇALO — Senhor, a minha missão neste país terminou.

FILIPE II — Como embaixador, decerto. E não cuideis que me esqueço de quanto empenho pusestes nas coisas de meu serviço.

D. GONÇALO — Cumpri um dever, apenas.

FILIPE II — Com saber e devoção.

D. GONÇALO — E agora é chegado o tempo de partir. E só vos peço que não me sejais contrário.

FILIPPE II — Como deixareis Lisboa, esta princesa do Tejo?

D. GONÇALO — Com as lágrimas nos olhos. E o coração magoado.

FILIPPE II — Será que amais Portugal mais do que eu? Eu, senhor, que sinto pulsar nas veias o sangue mais português da illustre Casa de Avis? Não era de Portugal minha mãe, D. Isabel, esposa de Carlos V?

SECRETÁRIO — E mais ainda, senhor: Logo nas primeiras núpcias, destes a mão juvenil à infanta portuguesa D. Maria...

FILIPPE II — Também.

D. GONÇALO — O destino das nações, cujas mãos reais se cruzam sobre as fronteiras. Porém, isso não impede — é certo — renhidas lutas e guerras de conquista e reconquista.

FILIPPE II — A História segue o seu curso.

D. GONÇALO — Segue o seu curso. Por vezes, por caminhos sinuosos.

FILIPPE II — Basta, D. Gonçalo, basta! É por de mais evidente que não foi do vosso agrado este audacioso passo. Muito mais que pela força, pelo direito ocupei o reino de Portugal. Deixai-me ver neste sol o brilho da minha glória. Deixai-me consolidar, aqui também, os esteios do poder.

D. GONÇALO — E vós, deixai-me voltar à terra de Espanha.

FILIPPE II — Aguardai um ano. Ou dois. Mau grado a nossa discórdia, não tenho em menor apreço o vosso conselho e ajuda. Vivestes neste país tempo bastante. E sabeis, melhor que ninguém, quem é este povo irmão. Podeis ser um precioso auxilio, braço direito no muito que aqui pretendo fazer.

D. GONÇALO — Pesam-me os anos, senhor.

FILIPPE II — Receio não ter ainda mostrado para convosco toda a minha gratidão.

D. GONÇALO — Palavras, bem generosas, vos tenho ouvido...

FILIPPE II — É bem certo que prometi conceder-vos, em tempos, a Grã-Comenda da Ordem de Calatrava.

D. GONÇALO — Não digo que a não mereça. E agora, que em vossas mãos deixo as funções cansativas de embaixador...

FILIPPE II — Escutai. Chamai-vos, precisamente, para vos encarregar duma embaixada...

D. GONÇALO — Senhor, gracejais de mim?

FILIPPE II — Por Deus! Uma embaixada, ou missão — se assim quizerdes —, que é coisa de bem pouco tempo. Logo voltareis a Portugal. E então, dentro de um ano, regressaremos a Espanha.

D. GONÇALO — Com tão prolongada ausência, não encontrareis o trono vacilante? (*À parte:*) É quo o Império tem os seus dias contados.

FILIPPE II (*à parte*) — Para longe o mau agouro! (*Pause.*) Herdeiro, embora forçado, deste reino, sinto agora urgência de resgatar quantos ficaram cativos nas terras do Norte de África, depois de Alcácer-Quibir.

SECRETARIO — Oh desastrosa batalha! Pobre D. Sebastião! Tragicamente levado pela morte, num tropel de arrebatadas quimeras!

FILIPPE II — E na flor da juventude!

D. GONÇALO — É de lamentar a perda de vosso real sobrinho. No entanto, a sua morte veio trazer-vos a esperança da coroa portuguesa.

FILIPPE II — São os desígnios de Deus! — Mas sabei que, nesta hora, muitas centenas, milhares de bons cristãos apodrecem nas mais escuras masmorras de Marrocos. Portuguezes, castelhanos, alemães, italianos, flamengos... Dificilmente podemos resgatá-los sem o auxílio da Santa Sé. Costaria que fôsseis da minha parte junto de Gregório XIII...

D. GONÇALO — Não tendes acaso em Roma embaixador competente?

FILIPPE II — Não. D. Diogo Tenório, cujas virtudes conheço, não é pessoa indicada para estas diligências. *(Pausa.)* Não esperáveis, por certo, conhecer, tão de repente, o grande esplendor de Roma!

D. GONÇALO — Confesso que não.

FILIPPE II — Assim, por estes dias teremos de assentar os pormenores de tudo isso.

D. GONÇALO — Senhor, eu ousaria lembrar-vos que a prometida Comenda de Calatrava daria mais força e peso e sentido à melindrosa missão...

FILIPPE II — Sim... Sr. Comendador. Tratai de aprestar as coisas para a viagem.

D. GONÇALO — Parece-me que devo ir por Sevilha.

FILIPPE II — Ora, fazei o caminho que melhor vos aprouver.

D. GONÇALO — Embora tenha em Lisboa servidores de confiança, creio que há-de ser melhor deixar D. Leonor com sua tia, abadesa no convento de Sevilha.

FILIPPE II — Como quizerdes, senhor. *(Pausa.)* Dizei-me: Vós, que vivestes largo tempo em Portugal, julgais que possa haver p'riço de revolta contra mim, contra o domínio espanhol?

D. GONÇALO — Quem saberá responder? Dizem-me os cabelos brancos que seja prudente. E, assim, heide levar minha filha.

FILIPE II — D. Gonçalo, um destes dias haveis de jantar comigo.

D. GONÇALO — Uma honra e um prazer.

FILIPE II — E trazei D. Leonor, donzela em quem julguei ver todo o recato e virtude.

2

Poucas semanas depois, de viagem para Roma, chegava a Sevilha D. Gonçalo de Ulloa, já investido nas funções de grande comendador da Ordem de Calatrava. É no convento dessa Ordem que decorre a cena seguinte.

Parlatório, com respectiva grade e bancos de pedra. A porta, inserta na própria grade, está aberta.

Do lado de cá, D. Gonçalo, D. Leonor, Doroteia e Madre Eugénia dos Anjos.

Noite. Sobre um banco, duas lanternas acesas.

ABADESSA — Muito depressa passaram estes três dias, irmão. Bem podíeis ter ficado um pouco mais em Sevilha.

D. GONÇALO — Três dias chegaram bem para recobrar as forças. Quanto mais cedo partir mais cedo estarei de volta.

ABADESSA — É certo.

D. GONÇALO — E quis decidir-me antes de cair no hábito de visitar-vos, de ver-vos todas as tardes. Depois, bem mais difícil seria dizer-vos adeus.

D. LEONOR — Meu pai, dar-nos-eis notícias?

D. GONÇALO — Claro. Como havia de esquecer esse preceito, menina? No meu percurso até Roma, hei-de passar numas quantas cidades. Farei seguir umas linhas descuidadas sempre que possa. — Obrigado pela ceia primorosa, pelo convívio agradável destes dias.

ABADESSA — Oxalá vos pudéssemos servir, meu caro comendador de Calatrava, de acordo com os vossos próprios méritos.

D. GONÇALO — Ora, gracejais, irmã.

ABADESSA — Qucreis que vos acompanhe Doroteia?

D. GONÇALO — Santo Deus! Não é distante a pousada. E se Doroteia for acompanhar-me, é justíssimo que eu lhe faça companhia no seu regresso. E assim, retribuir gentilezas... é nunca mais acabar. Preciso deitar-me cedo, porque tenciono partir ao romper da madrugada.

D. LEONOR — Seria pedir-vos muito?: Que nesse momento ainda vos pudéssemos dizer adeus?

D. GONÇALO (*carinhoso*) — És bem trapaceira. Não. Saírei muito cedo. E, na direcção que levo, seria um desvio grande. O nosso adeus há-do ser agora mesmo.

D. LEONOR — Pois seja. Meu pai, dai-me a vossa bênção. (*Curvase e beija-lhe a mão.*)

D. GONÇALO — Nosso Senhor te conceda a sua bênção divina. (*Afaga-lhe a cabeça e beija-lhe a testa.*)

D. LEONOR — Que tenhais boa viagem. Tratai bem de vós. Cuidado com os ladrões das estradas.

D. GONÇALO — Descansa, filha. Vou bem guardado, pois contratei homens de muita exp'riência. — 'Tu, Leonor, aproveita o tempo em boas leituras. Escuta os sábios conselhos desta velha tia, a cuja protecção ficas entregue. Agora vai. — Doroteia, extremosa aima, ide com ela. Quero dizer ainda duas palavras a minha irmã.

DOROTEIA — Meu senhor, a preciosa «encomenda» fica em boas mãos.

D. GONÇALO — Espero.

DOROTEIA — Deus se digne proteger-vos nesta penosa viagem.

(*D. Leonor puxa da manga estreita um lençinho de renda, com o qual, discretamente, enxuga umas lágrimas sentidas.*)